

Mulheres na agricultura periurbana senegalesa: o caso de Touba Peycouck

Nathan C. McClintock - n_mcclintock@yahoo.com

Foto 1: Nathan C. McClintock - Produção de composto

Foto 2: Nathan C. McClintock - Hortas urbanas em Touba Peycouck, a 2km de Thiès

No Senegal, a agricultura urbana cresceu rapidamente em resposta à fragilidade da segurança alimentar nas cidades e para atender as necessidades de consumo de uma população crescente. O acesso inadequado à terra, a precariedade de sua posse, e a insuficiência de água e de estrume tornam a agricultura urbana cada vez mais difícil, particularmente para as mulheres cujo acesso à terra e ao capital é limitado por uma série de fatores socioeconômicos.



A agricultura dentro e ao redor de Thiès

A segunda maior cidade do Senegal, Thiès, localiza-se a 70 km a leste do centro de Dacar, mas a apenas 35 km de sua periferia. A região de Thiès é habitada por cerca de 1,3 milhão de pessoas, aproximadamente 14% da população do país, concentradas em apenas 4% de seu território (6.601 km²).

Em Thiès, a interface urbano-rural é muito mais pronunciada do que em Dacar. As vilas periurbanas permanecem ainda marcadamente agrárias, mas estão crescentemente dependentes da economia urbana. Entre 1985 e 1995, a produção anual alcançou entre 40.000 e 60.000 toneladas, que, juntamente com a produção da região de Dacar, significou 2/3 da produção nacional de hortaliças. Grande parte dessa produção é periurbana e a maior parte dela é cultivada para ser consumida em Dacar.

Um dos maiores problemas enfrentados pela agricultura urbana e periurbana de Thiès é a reciclagem insuficiente dos materiais orgânicos. Com o crescimento das populações urbanas, aumenta o fluxo de alimentos para dentro das cidades, porém os nutrientes neles contidos são perdidos ao serem lançados em lixões e aterros sanitários, ou nas redes de esgoto, e raramente são retornados às zonas de produção agrícola, resultando em um déficit crônico e crescente de nutrientes. Mesmo estando os produtores conscientes da queda da fertilidade do solo que cultivam, a precariedade quanto à posse da terra nas periferias os desestimula de investir trabalho ou dinheiro para aplicarem mais estrume ou lixo compostado no solo. Essa agricultura apelidada de "explore e se mande", na qual o produtor cultiva intensivamente um lote antes de perdê-lo para a expansão urbana, é muito comum na agricultura urbana senegalesa.

Essas limitações são freqüentemente sentidas de modo mais agudo pelas mulheres produtoras, cujo acesso à terra, água e estrume é ainda mais precário do que o dos homens. Nos sistemas rurais e periurbanos, onde a criação de pequenos animais é comum, as mulheres estão quase sempre envolvidas no manejo do estrume, juntando-o com outros resíduos orgânicos domésticos e formando um monte aonde esses materiais vão decompor e se tornar mais apropriados para aplicação no solo. Entretanto, a distribuição do composto pronto depende mais das mãos do homem chefe-de-família, que tende a aplicá-lo mais em seus próprios plantios do que nas áreas cultivadas pelas mulheres da casa. Porém, se a mulher cuidar mais ativamente do monte de composto, ela pode aumentar sua capacidade de decidir onde o produto final será aplicado, desde que a família reconheça o trabalho que ela dedicou para produzi-lo. Hoje, mais e mais mulheres no Senegal estão se reunindo em grupos cooperativos para aumentar seu conhecimento de técnicas de compostagem e outras também capazes de melhorar o solo.

Durante as últimas décadas, a criação de grupos de interesse econômico (GIEs), de cooperativas de vizinhos, e de grupos de mulheres tem sido uma fonte vital de maior poder para as mulheres produtoras no Senegal, oferecendo-lhes acesso a recursos financeiros e treinamento técnico. Nos últimos anos, muitos grupos de mulheres, urbanos e rurais, oficiais ou informais, têm desenvolvido iniciativas produtivas agrícolas bem sucedidas, oferecendo aos participantes renda, estabilidade e permanência em suas comunidades originais, reduzindo a migração para as cidades e sua expansão descontrolada.

O caso de Touba Peycouck

A dois quilômetros ao sul de Thiès localiza-se Touba Peycouck (1), uma pequena vila com 2.000 habitantes. As atividades do GIE Bokk Jom, dessa vila, oferece um exemplo inspirador de desenvolvimento comunitário de base. No sistema integrado de criação de animais, silvicultura, horticultura e plantios de grãos, as mulheres desenvolvem um papel importante para a manutenção da fertilidade dos solos por meio de suas atividades de compostagem. Entretanto, o acesso limitado aos recursos continua impedindo uma participação igualitária das mulheres nas atividades agrícolas na periferia de Thiès.

Logo após a sua criação, em 1990, o GIE Bokk Jom abriu um pequeno armazém, apoiou a escola elementar da vila e depois abriu um posto telefônico público e uma pequena biblioteca. O grupo também inaugurou um forno à lenha para assar pão, aberto às mulheres do grupo. Em meados da década de 90, eles levantaram 500.000 F-CFA (2) (cerca de 770 euros) e receberam uma doação de 5,7 milhões F-CFA (cerca de 8.700 euros) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para iniciar um ambicioso projeto de desenvolvimento integrando criação de animais, silvicultura e horticultura. O Rodale Institute ajuda fornecendo treinamento em técnicas de horticultura, silvicultura e produção de composto. O grupo Bokk Jom também iniciou um viveiro de mudas de árvores, e lançou um programa de reflorestamento de grande escala. O grupo comprou quatro vacas leiteiras locais e providenciou sua

inseminação artificial de modo a produzir uma nova geração de animais capazes de produzir mais leite. Seguiu-se a organização de uma cooperativa de criadores de galinha, um projeto produtivo que gerou mais de meio milhão de F CFA de lucro. Com treinamento técnico adicional trazido pelo Rodale Institute, o Bokk Jom construiu vários cercados para ajudar a produção de composto em maior escala, para transformar o esterco das vacas e das galinhas em adubo de alta qualidade. O composto pronto é usado nos cultivos das hortas, viveiros de mudas, e nos plantios de grãos.

Dos 72 membros do GIE Bokk Jom, 42 são mulheres. Vários cargos administrativos são preenchidos por mulheres, inclusive o de Secretário Executivo Adjunto e o de Tesoureiro. Um programa de microcrédito rotativo fornece às mulheres empréstimos de 25.000 F-CFA, com o prazo de 6 meses para pagar e juros de 7,5% ao ano, usados para dinamizar pequenos negócios e empreendimentos, sendo que até hoje nenhum crédito deixou de ser pago. As rendas dos membros são mais altas do que as produzidas pelos demais moradores da vila, e seu acesso a treinamento e sua situação na comunidade melhoraram. Quando perguntados sobre quais as contribuições que as mulheres trazem ao GIE (3), vários membros homens disseram que o sucesso dos projetos de compostagem e silvicultura em andamento é devido ao alto nível de participação apresentado pelas mulheres.

Depois que as necessidades de adubação do viveiro de mudas foram atendidas, as mulheres têm o direito de usar o composto produzido nas instalações do grupo em seus lotes pessoais. Além desse composto produzido coletivamente, muitas mulheres já começaram a compostar, em seus próprios lotes, os materiais orgânicos disponíveis mais localmente, como sobras da cozinha, cinzas do fogão a lenha, e o estrume do gado. Muitas mulheres do grupo possuem seus próprios animais, em



média 3 ou 4 cabras ou ovelhas cada uma delas. O uso de composto alastrou-se rapidamente em toda a vila e nas comunidades vizinhas. Noventa por cento do produto é vendido, geralmente para mulheres de outras vilas que compram em grandes quantidades e revendem no varejo dos mercados em Thiès e perto de Rufisque e Bambey. Dois terços dos restantes 10% são dados como ajuda a quem merece e precisa, e apenas um terço dos 10% é usado nos cultivos familiares. Mesmo que a renda produzida pela mulher, em suas atividades hortícolas, seja dela, uma boa parte é gasta nas compras de alimentos para a sua família.

Realmente, a contribuição das mulheres muitas vezes excede a trazida por seu marido. Mamadou Gueye, presidente do Bokk Jom, compreendeu a dificuldade para quantificar essa contribuição para a renda familiar: "A maior parte da renda delas vai diretamente para as panelas!"

Lições e recomendações políticas

A falta de terra em Touba Peycouck é uma limitação prioritária. O perímetro comunal considerado como "área de horticultura" da vila está dividido em lotes de 20x20 metros (400 m²). Baseando-se em critérios de seleção, que incluíam salário e mão-de-obra disponível, as autoridades da vila entregaram os lotes para os homens chefes de família. As mulheres têm acesso a lotes para hortas apenas por meio de seus maridos, ou alugando-os por 25.000 F-CFA para a estação hortícola (entre outubro e junho).

Atualmente, apenas um terço das mulheres do Bokk Jom mantém seus próprios lotes, enquanto que todos os homens do grupo continuam produzindo ativamente. As mulheres de um dos grupos focais queixaram-se de que elas tinham muito composto mas não tinham onde usá-lo. Além disso, os horticultores devem pagar 4.000 F-CFA por mês pela água. Essas despesas, bem como os custos iniciais com sementes e equipamentos, desencorajam muitas mulheres de se envolverem com horticultura. Outras abandonam seus lotes em meio à estação hortícola caso se sintam incapazes de produzir um lucro, ou se viram para o pequeno comércio para ganhar bastante para cobrir as despesas para o ano seguinte.

Como em qualquer lugar na África Ocidental, o papel das mulheres como produtoras agrícolas urbanas é limitado por essas restrições, deixando a maior parte da produção nas mãos dos homens. Apesar disso, cooperativas como a Bokk Jom melhoram o acesso das mulheres à terra e à infraestrutura ao lhes oferecerem crédito a taxas de juros razoáveis, bem como ao fornecerem oportunidades para congregarem seus esforços e recursos. Mais importante ainda, talvez, e mais difícil de ser quantificado, é o sentimento de fortalecimento e orgulho que a participação em um grupo produtivo provoca nas mulheres. Embora o objetivo principal do Bokk Jom não seja melhorar o padrão de vida das mulheres de Touba Peycouck, seu sucesso beneficiou diretamente seus membros mulheres ao lhes proporcionar uma base organizacional sólida e um fórum onde elas podem desenvolver sua cooperação.

Mesmo assim, as tradições patriarcais que vigoram na comunidade em geral definem a extensão da participação das mulheres na agricultura urbana. Iniciativas específicas por gênero, visando ajudar grupos cooperativados como o de Touba Peycouck, podem se provar necessárias para se superar esses obstáculos.

Em uma sessão de "brainstorming", os membros do GIE de Touba Peycouck listaram as seguintes recomendações para as políticas públicas:

- Garantir às mulheres o mesmo acesso às terras que têm os homens
- Oferecer incentivos para a produção agrícola sustentável
- Promover grupos de mulheres e facilitar seu acesso a financiamento e crédito
- Expandir as oportunidades de treinamento técnico para as mulheres
- Melhorar a consciência sobre saúde pública e a infraestrutura de serviços.

Uma lei recentemente promulgada aborda a primeira preocupação, buscando garantir maior equidade no acesso à terra. O verdadeiro desafio será fazê-la vigorar efetivamente.

Algumas das demais recomendações podem parecer impossíveis de serem implementadas no nível governamental devido aos cortes nos programas públicos e às normas do “mercado livre” que proíbem subsídios agrícolas. Entretanto, elas fornecem um quadro útil e relevante para as ONGs e agências de ajuda que trabalham com os formuladores de políticas ou atuam diretamente com as populações locais.

Grupos como Bokk Jom têm sido bem sucedidos em responder às limitações reais que restringem os produtores urbanos e periurbanos - e particularmente as mulheres engajadas na agricultura nas cidades dos países em desenvolvimento ao redor do mundo.

Notas

1. Vários moradores, sentindo-se esgotados por seus compromissos financeiros, formaram um Grupo de Interesse Econômico - GIE, ou “Bokk Jom”, em 1990 em um esforço para melhorar suas oportunidades econômicas. No idioma wolof, “bokk jom” significa “unir por uma causa em comum”.
2. O franco CFA, ou “franco da África Ocidental”, vale 656 CFA por 1 euro
3. Cinco grupos focais formados, com quatro ou oito pessoas cada, que se reuniram entre setembro e outubro de 2003 em Touba Peycouck durante o estágio de três meses propiciado pelo Rodale Institute ao autor, em Thiès. Outros dados foram colhidos em Akakpo e Ki (2000, que pesquisaram 100 moradores para avaliar o impacto que o GIE teve em suas vidas.

[Sumario Revista No.12](#)